



A EDUCAÇÃO TERRITORIAL QUILOMBOLA NA BAIXADA MARANHENSE EM RODA DE CAPOEIRA ANGOLA: AUTONOMIA, LUTA E RESISTÊNCIA

Dilma Regina Moraes Ferreira
Elizabeth Santos Lopes
Iranilde de Nazaré Santos
Maria de Jesus Costa
Mariza de Jesus Saraiva
Saulo Barros da Costa
Rodrigo Ferreira Quintanilha

RESUMO

O artigo descreve o processo de educação territorial quilombola na Baixada Maranhense a partir das trocas com a Capoeira Angola, expressadas durante a realização do curso de formação titulado “Educação, escolas quilombolas e formação de professores na Baixada Maranhense”, mobilizados pelo Movimento Quilombola do Maranhão (MOQUIBOM) e Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), Campus Pinheiro, em 2019. Como resultado do módulo que abordou a capoeira enquanto espaço educativo, professores quilombolas trocaram experiências com objetivo de diversificar as formas de luta e permanência no território e retomada da ancestralidade africana.

Palavras-chave: Educação quilombola; território; capoeira angola; MOQUIBOM.

QUILOMBOLA TERRITORIAL EDUCATION IN THE BAIXADA MARANHENSE IN RODA DE CAPOEIRA ANGOLA: AUTONOMY, STRUGGLE AND RESISTANCE

ABSTRACT

The article describes the process of territorial quilombola education in Baixada Maranhense based on exchanges with Capoeira Angola, expressed during the training course entitled “Education, quilombola schools and teacher training in Baixada Maranhense”, mobilized by the

Quilombola Movement of Maranhão (MOQUIBOM) and Institute of Education, Science and Technology of Maranhão (IFMA), Campus Pinheiro, in 2019. As a result of the module that addressed capoeira as an educational space, quilombola teachers exchanged experiences in order to diversify the forms of struggle and permanence in the territory and the resumption of African ancestry.

Keywords: Quilombola education; territory; capoeira angola; MOQUIBOM.

LA EDUCACIÓN TERRITORIAL QUILOMBOLA EN LA BAIXADA MARANHENSE EN RODA DE CAPOEIRA ANGOLA: AUTONOMÍA, LUCHA Y RESISTENCIA

RESUMEN

El artículo describe el proceso de formación territorial quilombola en Baixada Maranhense a partir de intercambios con Capoeira Angola, expresado durante el curso de formación titulado “Educación, escuelas quilombolas y formación docente en Baixada Maranhense”, movilizado por el Movimiento Quilombola de Maranhão (MOQUIBOM) y el Instituto Maranhão de Educación, Ciencia y Tecnología (IFMA), Campus Pinheiro, en 2019. Como resultado del módulo que abordó la capoeira como espacio educativo, docentes quilombolas intercambiaron experiencias con el fin de diversificar las formas de lucha y permanencia en el territorio y la reanudación de ascendencia africana.

Palabras-clave: Educación quilombola; territorio; capoeira angola; MOQUIBOM.

INTRODUÇÃO

Para nós, comunidade quilombola, foi desafiador e muito proveitosa a oportunidade de vivenciar o contato com a cultura da Capoeira Angola, no curso de Educação Quilombola¹ promovido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), campus Pinheiro, em parceria com a prefeitura Municipal de Santa Helena (MA). A partir dessa experiência percebemos o quanto é importante cada vez mais ampliar e se aprofundar em uma perspectiva que busque uma educação progressista emancipadora.

1 O curso tem como título “Educação, escolas quilombolas e formação de professores na Baixada Maranhense”, coordenado pelo prof. Saulo Barros da Costa (IFMA), realizado entre maio e dezembro de 2019, em dezesseis encontros presenciais. Os encontros ocorreram de maneira alternada no IFMA Campus Pinheiro e no Território Quilombola Pau Pombo, demandado pelo Movimento Quilombola do Maranhão (MOQUIBOM). O Objetivo do curso foi contribuir com a formação de professores que atuam na Educação Escolar Quilombola do Território Pau Pombo, problematizando o currículo escolar aplicado ao território bem como retomar os saberes e ancestralidade como marca do processo educacional. Foram quarenta e seis professores que concluíram o curso, e participação de quatorze professores formadores do IFMA e da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

O curso foi ministrado em módulos com diversificada temática, que transitou entre as humanidades e ciências da natureza. O quinto módulo contou com a disciplina da Capoeira, na qual abordou a educação e liberdade do corpo a partir da referência da Capoeira Angola. A disciplina foi ministrada em agosto de 2019, sob a orientação do Prof. Esp. Rodrigo Ferreira Quintanilha. A referência teórica e metodológica seguiu princípios da pedagogia freireana e dos postulados da terapia corporal denominada Somaterapia², desenvolvida por Roberto Freire, seguidos dos estudos de João da Matta, que trata da importância do prazer pelo movimento no jogo da capoeira, no sentido de desconstruir bloqueios negativos constituídos a partir das emoções internalizadas no corpo, assim como a referência adquirida no ambiente da cultura popular da Capoeira pelo referido professor.

Nós descendentes da confluência dessas matrizes étnico raciais e hoje com identidade quilombola na baixada maranhense identificamos carência no nosso sistema de ensino público, visto que ainda não temos um currículo que atenda às necessidades sócio-históricas, culturais e econômica de nossa realidade, por isso reivindicamos nossos direitos constitucionais de educação, previstos na constituição de 1988, conforme o art. 205, que garante que a educação é um direito de todos e dever do Estado, além da Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional, LDB 9.394/96, e demais documentos que orientam a educação básica do Brasil de acordo com a especificidade de cada região.

O fato da capoeira, assim como várias outras manifestações de cultura afro-brasileira e africana no Brasil estarem previstas no ambiente escolar, tanto na esfera pública como privada, como expressa a lei 10.639/2003, ainda se torna grande o desafio de legitimar o valor desses conteúdos na escola. A história da cultura de matriz africana assim como a indígena no Brasil ainda sofre muito preconceito, não é tarefa fácil implementar programa e/ou projetos que visem estudar, pesquisar e problematizar temas dessa natureza no ambiente escolar, mesmo previsto na lei 10.639/2003 modificada pela Lei nº 11.645 de 2008 que normatiza essa proposta.

² Termo criado por Roberto Freire, criador da Somaterapia, que compreende as marcas e expressões no corpo a partir das incorporações e manifestações emocionais das pessoas.

Nesse sentido, a proposta desse artigo é de resgatar e fortalecer a contribuição do povo negro na área social, econômica e política na História do Brasil, combater o preconceito racial (nota) que ainda se perpetua na sociedade brasileira em torno da cultura africana e afro-brasileira e possibilitar que a pedagogia da capoeira Angola contribua no processo de formação humana de nossa comunidade quilombola.

A história do Brasil marcada pelo pensamento colonizador europeu deixou fortemente marcado no imaginário social da sociedade que o povo africano e indígena é um povo menos evoluído na escala evolutiva, sem alma ou alma corrompida pelo mal, por não ter o cristianismo como referência religiosa. O interesse econômico em escravizar os negros africanos tinha a permissão da igreja católica, que concebia o processo de escravidão como natural e religiosamente necessário, haja vista não ser pecado escravizar “um povo que não tinha alma” considerados animais e não humanos.

Por outro lado, sempre houve o enaltecimento da cultura europeia fortemente marcada com a concepção da chamada eugenia, que difundia e reforçava o preconceito contra os negros, índios e seus descendentes com ideias de regeneração e purificação da raça do povo brasileiro, que se manifestava pelo incentivo da mistura racial com os brancos, a fim de melhorar a raça brasileira pelo clareamento da cor. O mesmo se dava pelo estímulo às práticas de exercícios físicos e hábitos de higiene, com a ideia de melhoramento genético e fortalecimento viril dos homens e mulheres.

UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DA CAPOEIRA NO BRASIL

A história da capoeira tem muitas versões, dentre tantas se fala de sua origem indígena, porém não bem elucidada por falta de informações precisas, apesar da palavra “capoeira” ser de origem Tupi guarani. Outras versões estão associadas às histórias que se advém de origem urbana ou rural, ou se é brasileira ou africana com seus mitos, controvérsias e fatos, como tratam Assunção e Vieira(1998).

A ideia da capoeira ter surgido em ambiente rural tem sua fundamentação na história do negro escravizado que no Brasil lutou contra o poder escravagista através de fugas, rebeliões e organização em quilombos, que muitas vezes se valia da luta corpo a corpo, essa luta foi se configurando como a luta dos escravos, a capoeira, disfarçada em dança para não chamar atenção das autoridades. Esta versão apesar de não conter

evidência documental que comprove sua veracidade contém significativa importância no imaginário social de seus praticantes e da população em geral.

No entanto, as primeiras evidências consistentes da capoeira na literatura se encontram a partir do século XIX, que indicam sua origem associada aos ambientes urbanos do Rio de Janeiro e em Salvador, assim como também em estudos que apontam Recife e São Luís do Maranhão. Sua história retratada durante o século XIX compreendia que a capoeira estava associada ao indivíduo ou grupo de pessoas no ambiente urbano marginalizado que cometiam temor a ordem pública através da destreza corporal de luta, mas também é possível acreditar que haviam os que eram praticantes de uma forma amistosa da capoeira enquanto atividade lúdica, mesmo com falta de informações precisas a respeito, como apontam Assunção e Vieira (1998).

No entanto, o que ficou marcado na história da capoeira, a partir da visão opressora, foi sua conotação violenta de luta que ameaçava o poder vigente, que se deu durante o período do século XIX e se estendeu até as primeiras décadas do século XX.

Os indivíduos classificados como capoeiras eram constituídos por diversos segmentos sócias, desde negros escravos e libertos, mestiços, imigrantes europeus pobres e até mesmo pessoas da burguesia. Importante destacar que “os capoeiras” constituíam uma identidade com forte representação política como aponta Soares (1999) no Rio de Janeiro, existindo de forma ambígua, pois ao mesmo tempo que eram oprimidos também eram agentes da repressão se aliando a partidos políticos de monarquistas e Republicanos.

Os capoeiras se organizavam tão fortemente que conseguiram ter visibilidade política na época, chegavam a se organizar em grupos denominados como “Maltas de Capoeira” a ponto de terem sua própria representação política, como partido dos capoeiras ou Guarda Negra, que se aliava aos monarquistas, como se pode ver na pesquisa de Soares (1999).

Os praticantes de capoeira conseguiram ao longo do tempo elevar a capoeira a Patrimônio Cultural Imaterial, tanto pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (2008) como pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO (2014). Isso se deu a partir das novas possibilidades de

inserção e aceitação nas sociedades protagonizadas a partir das importantes contribuições e inovações feitas por Manoel do Reis Machado, mestre Bimba, com a chamada Capoeira Regional e Vicente Ferreira Pastinha, Mestre Pastinha, com a chamada capoeira Angola.

Sempre quando se trata de capoeira surge o questionamento em descrever e diferenciar esses dois estilos de capoeira. De modo resumido tentaremos esclarecer: a capoeira Regional de Mestre Bimba enaltece a capoeira enquanto símbolo de brasilidade com influência do modelo esportivo de alto rendimento para se equiparar a outras modalidades de luta, principalmente orientais, que no início do século XX muito se difundiu no Brasil, a capoeira Regional privilegiava o elemento luta em relação ao elemento lúdico e espontâneo que é bastante característico na Capoeira Angola, por outro lado a capoeira Angola privilegia o elemento dança, lúdico e espontâneo sem perder o conteúdo da luta, Mestre Pastinha buscou defender sua origem ligada a cultura africana.

Atualmente a capoeira é reconhecida por órgãos e entidades oficiais como o IPHAN e UNESCO como manifestação afro-brasileira que representa uma herança das etnias africanas e que a partir da influência com outros povos que fizeram parte da cultura da capoeira, como os mestiços, imigrantes europeus e atualmente vários países em todo o mundo, fez com que nos documentos de salvaguarda da capoeira pelo IPHAN (2008), por exemplo, ela seja reconhecida como manifestação afro-brasileira pluricultural e multifacetada, por justamente conter influência de várias etnias, haja vista estar presente em mais de 150 países.

A CAPOEIRA NA PERSPECTIVA DE EDUCAÇÃO PROGRESSISTA

Seguindo uma perspectiva de educação progressista na luta pelo desenvolvimento de uma consciência crítica, concebendo a escola como lugar de ruptura dos modelos liberais vigentes, conforme Aranha (1996) e Libâneo (1990), [apud Oliveira (2017)], propomos uma educação com a capoeira que siga uma representação de cultura contra a hegemonia das práticas corporais de rendimento esportivo do ocidente, em que a vitória e as regras competitivas são fundamentais para o seu desenvolvimento.

A capoeira possibilita a compreensão integral do corpo levando em consideração aspectos musicais, sociais, culturais, ambientais e filosóficos com capacidade de problematizar valores importantes como solidariedade, coletividade, cooperação e autonomia. Assim, a capoeira como manifestação de matriz africana sempre sofreu perseguições, preconceitos, foi tida como prática criminal, como esporte como ginástica brasileira, como símbolo de brasilidade, como cultura africana oriunda de Angola e atualmente ganhou notoriedade por suas inúmeras possibilidades de trabalho, como trabalho voltado para terapia, para competição, para inclusão social, atividade artística, e claro, o trabalho de continuidade do ritual da roda de capoeira.

Nas escolas e universidades e demais espaços onde a capoeira está presente sua utilização como prática corporal, auxilia no processo de aprendizagem, socialização e na psicomotricidade, por vezes não privilegiando sua característica de contestação em busca de liberdade e emancipação do sistema capitalista que oprime, segrega e precariza a vida humana em prol do mercado de consumo do capital.

A perspectiva de capoeira que apreciamos é uma luta em forma de dança e jogo que se estabelece como uma relação amistosa entre os jogadores, em que não existe vencido e nem vencedor, mas existe um encontro capaz de promover um diálogo entre corpos. Um meio de produção da consciência real, porém, não se reproduz a consciência, e nem esta se reproduz ao corpo, o corpo é uma realidade imediata, a da ação de transformar, aprender o real, isto é o corpo humano é a realidade da consciência (SILVA, 2009, p,68).

CONTATO COM A CAPOEIRA NO QUILOMBO POR UMA EDUCAÇÃO DESCOLONIZADA

No curso de formação de professores de Educação Quilombola, realizado no quilombo São Roque (Santa Helena, MA), tivemos contato com a disciplina de capoeira como prática educativa. A abordagem teórica e metodológica foi fundamentada na capoeira Angola, a partir da experiência do professor Rodrigo Quintanilha³ como praticante, há mais de 20 anos dessa Arte da Cultura Corporal Afro Brasileira. O

³ Professor de capoeira e professor de Educação Física do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Maranhão do Campus Pinheiro (IFMA-PHO).

professor, também orientou sua fundamentação da capoeira enquanto exercício de liberdade através das ideias da terapia corporal denominada de Somaterapia, a partir do trabalho do sociólogo João da Mattta.

Para nós, a abordagem utilizada pelo professor sobre a capoeira se tornou uma experiência muito interessante, pois notamos a semelhança da proposta educativa com o que já desenvolvemos na nossa comunidade, principalmente, a partir dos referenciais da pedagogia de Paulo Freire.

Compreendendo que a cosmovisão africana, conforme Oliveira (2006 *apud* Klein e Silva, 2012), privilegia a diversidade, a produção coletiva e estimula a manutenção de uma lógica própria para cada lugar, bem como os valores culturais de cada clã, nos faz melhor compreender a noção e os caminhos em trilhar nos referenciais de nossa historicidade e ancestralidade a partir da compreensão de que a cosmovisão se caracteriza pelo conjunto de saberes e crenças que um povo acumula a partir de suas vinculações ambientais e territoriais conforme a ancestralidade.

Sobre cosmovisão africana compreende-se que ela se organiza por meio da história, dos hábitos, dos costumes e de tudo mais que constitui o ambiente objetivo, subjetivo, representativo e simbólico transmitido para os mais jovens pelos idosos, de tal forma que se caracterizam como um modo de ser próprio de cada povo ou grupo social. (Klein e Silva, 2012, pg.54).

Nesse sentido, identificamos que a capoeira Angola que nos foi apresentada contém elementos que se aproximam bastante dos nossos ideais de luta por justiça social. Nós remanescentes de etnia africana vimos na capoeira mais uma possibilidade de resistir e combater o legado negativo constituído pelo processo colonizador, tendo em vista ter características contrárias à lógica competitiva das práticas corporais esportivas convencionais da cultura ocidental.

A capoeira se manifesta para além da necessidade de fonte de renda e o caráter da luta, seus praticantes a fazem por prazer, dando continuidade a uma herança cultural que é repassada de geração a geração através da ancestralidade, que envolve Arte, princípios de liberdade corporal e princípios de humanidade, fundamentais para o convívio em sociedade, como princípios de preservação e conservação da natureza, que

para nós quilombolas que vivemos inseridos em área rural e temos grande respeito e dependência da mãe terra nos é de fundamental importância.

A oportunidade em ter o contato com a capoeira nos mostrou algo que estava tão perto, mas ao mesmo tempo tão longe que retrata a história de nossos ancestrais. O canto do negro, a luta por liberdade ainda soa até hoje nas rodas de capoeira, e se faz presente nas comunidades tradicionais. A educação quilombola cumprimenta a capoeira angola que estimula a luta de movimentos sociais voltados para a inclusão social, com riqueza de conhecimento e saberes. A capoeira Angola nos proporciona uma aprendizagem formadora que desafia pensar no limite da liberdade, de como respeitar os mais velhos, os (as) mestres (as), mulheres, crianças e a Mãe natureza.

Com tudo isso, porque não dizer que a capoeira forma indivíduos com bons princípios humanos na sociedade? Compreendemos que educar é ensinar a ter respeito consigo mesmo com o outro e a natureza. Quando o professor Quintanilha, entrou na sala alguns dos alunos pensaram que era uma aula chata, que teria pouco proveito, por não conhecerem o que era capoeira e como iriam aplicar em sala de aula, foi o contrário, pois ele mostrou que a capoeira é muito mais do que está por trás de uma roda de capoeira.

A capoeira como manifestação afro-brasileira, que faz parte do estudo da história étnico-racial africana desperta o senso crítico das pessoas com valores importantes para serem vivenciados na convivência comunitária quilombola. A formação do indivíduo encontra um sentido e fortalecimento maior quando a comunidade da qual faz parte não se restringe ao seu aspecto individual. Seu crescimento pessoal tem mais sentido quando representa um fortalecimento para a comunidade.

A capoeira oferece esse fortalecimento, segurança e confiança por meio dos seus saberes, que são profundamente integrados à cultura de matriz africana. Os gestos da capoeira levam o corpo a relaxar, são movimentos em que apenas o corpo fala, é uma forma de descontração, aprendemos a nos defender, a respeitar o próximo, e a busca pelo autoconhecimento corporal, vivenciando assim um dos principais fundamentos da capoeira Angola, seguindo o que o Mestre Pastinha falava “que cada qual é cada qual, e ninguém joga do mesmo jeito”.

Observamos como a capoeira Angola é importante como ferramenta educativa em comunidade quilombola, pois proporciona princípios de solidariedade, cooperação, corresponsabilidade, de preservação e conservação da natureza, necessidade de liberdade e autonomia corporal frente aos padrões hegemônicos de corpo, que geralmente passam uma referência de ideal de corpo belo, forte e vitorioso, seguindo padrões impostos pela indústria do consumo.

A capoeira Angola proporciona benefícios para nosso corpo, como pode ser observado nos estudos de João da Matta com a Somaterapia. Nesta perspectiva, a Somaterapia encontra na prática da capoeira Angola um poderoso exercício corporal que amplia o sentido bioenergético e político de seu processo. Para a Somaterapia, a energia vital disponibilizada pela mobilização das couraças musculares através do jogo da capoeira Angola será fator imprescindível na elaboração de vidas afirmativas dentro dos coletivos terapêuticos (MATTA, 2015). Acreditamos que trabalhos desenvolvidos nessa perspectiva nos ajuda em busca da emancipação dos sujeitos envolvidos no processo de educação da comunidade.

A capoeira envolve aspecto de expressão corporal musical, social, ritualístico e filosófico possibilitando discussão de valores ao criar o enfrentamento na vida cotidiana, podendo ser usada como instrumento libertário e revolucionário, que leva o praticante a repensar a lógica capitalista que transforma a vida em capital, na qual se observar forma de alienação da vida manifestada no corpo, vestida como fantoche do capitalismo moderno.

Quando falamos em processo de resistência e luta, vale mencionar Michel Foucault (1967) quando menciona que a utopia como algo promissora não mobiliza nossas vidas no presente quando se torna distante de nós. Qualquer processo de resistência e luta não deve ser deslocado para um futuro esperançoso, um lugar a ser atingido e fora dos espaços reais da sociedade. Ao contrário, Foucault propõe resistência como um problema cotidiano e constante, lança mão de conceito de heterotopia, como algo que se constrói em distintos espaços e apenas tem sentido no presente, não no amanhã incerto e distante.

É nesse pensamento que evoluímos a nossa maneira de luta quando nos agregamos a grupos sociais, construindo espaços que tem sentido no presente,

reavivamos nossas lutas e forma de resistência, construindo uma educação que forme sujeitos aptos a pensar ou criticar, a defender-se a lutar e não a se conformar com o que a sociedade capitalista nos impõe, não é segredo a ninguém que vivemos uma era de fascismo, em que o governo atual cada vez mais ataca e fragiliza as relações de trabalho, fazendo a classe trabalhadora ainda mais precarizada e refém do sistema capitalista.

Estas considerações, exige que toda prática educativa demanda de sujeito que não pode ser neutro e que deve auxiliar na difícil passagem da alienação para a autonomia e emancipação, auxiliando-nos na busca da inquietação do saber. A capoeira pode proporcionar uma prática educativo-crítica que lida com a busca do equilíbrio entre autonomia-liberdade, concebendo o homem, como Paulo Freire mencionava, ser um ser inacabado e em constante processo de formação.

Nesse sentido é necessário compreender que a práxis humana nasce da dialética entre a ação e a reflexão sobre o mundo, um compromisso histórico que inclui mulheres e homens numa ação crítica perante a história, assumindo o papel de sujeito que cria e recria o mundo.

A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo (FREIRE, 1996, pag. 13)

Essa forma de pensamento tem o intuito de ajudar os sujeitos a se libertarem de seus próprios medos e a ter consciência, que precisa ser autêntica, lutar contra o opressor e tornar-se autônomo e criador da sua própria vida. No tempo presente deparamos em uma realidade político-social repleta de problemas relativos à educação, onde a educação atual está edificada no valor do ter e não do ser, na qual a grande massa da humanidade está subjugada a um sistema tecnológico de mercado de lucro pelo capital com o objetivo de formar consumidores descartáveis e compulsivos que enriquecem corporações cada vez mais poderosas.

Nesse cenário encontra-se uma educação que é vinculada a todo esse processo de massificação, estando a serviço da reprodução do sistema capitalista, pois é moldada por uma socialização passiva e competitiva, produzindo mentes acríticas e corpos obedientes (FREIRE, 1996).

Ter uma experiência educacional com o tema: “Capoeira Angola Corpo e Ancestralidade por uma educação libertadora” nos fez discutir e repensar o corpo enquanto "um todo", sem fragmentação de corpo e mente, um corpo que fala, pensa e age e é responsável por suas concepções e atitudes que são construídas social e historicamente pela relação com os outros.

Quando nos foi repassado movimentos com gestos simples e malemolência tudo ficou mais compreensível. Ao desenvolver a teoria da aula, aparentemente, parece que dar um nó na mente com tantas informações, mas quando fomos para um espaço mais amplo e bem ventilado para cantar e dançar ao som do berimbau, tudo se tornou mágico e muito especial.

Quando o professor começou a falar dos instrumentos⁴, os berimbaus (Gunga, o maior, o Médio, e a Viola, o menor), Caxixi, pandeiro, Reco-Reco e Atabaque e como são utilizados, comentando sobre a ritualística da roda de capoeira, percebemos como podemos ampliar as possibilidades de como mediar o processo educativo a partir do corpo, através dos fundamentos da roda da capoeira, como o respeito à ancestralidade, respeito ao contexto das cantigas, ao ritmo e o respeito ao companheiro(a) quando, por exemplo, foi dada a noção que é importante compreender o jogo "com" o outro (a) não "contra", isso mostra a valorização de princípio cooperativo ao invés da competição.

Quando nos foi repassado o movimento da capoeira como *cocorinha*, negativas e meias luas a partir de referências a movimentos dos animais, como escorpião, caranguejo, sapo e onça, foi muito interessante para compreender que para melhor ocorrer o processo de aprendizagem se faz necessário se permitir sentir a sensação de liberdade que o movimento nos proporciona, permitindo assim a quebra as coraças negativas constituídas no corpo.

Esse processo de liberdade e autonomia do corpo também foi continuado pela vivência com as músicas de mestres como Mestre Pastinha, Mestre Moraes e Mestre Patinho (Falecido Mestre de capoeira e da cultura popular de São Luís, Maranhão, da escola de Capoeira do Laborarte). Aprendemos um pouco sobre samba de roda e como

4 Importante observar que toda a matéria prima para confeccionar os instrumentos existe em nossa comunidade, como cabaças, couro e madeira. Isso sugere ser possível desenvolver diversos saberes de musicalidade em nossa comunidade, além do tambor de Crioula que já é do nosso costume.

este faz parte do mesmo universo cultural de matriz africana como a capoeira, o Tambor de Crioula, o maracatu e o candomblé.

A capoeira estimula a criatividade e a socialização. Para nossa realidade, que trabalhamos com educação infantil, essa experiência contribuiu bastante para aplicar esse conteúdo com as crianças, haja vista a variedade de saberes corporais lúdicos que a capoeira possibilita. Quando a criança brinca ela constrói um aprendizado mais amplo, e é de grande importância que o professor (a) esteja em constante atualização e planejamento, diversificando os conteúdos, almejando, principalmente, o amplo desenvolvimento do educando no processo de ensino-aprendizagem.

Acreditamos que a capoeira pode ser desenvolvida dentro das nossas comunidades quilombolas, contribuindo com o processo educativo que já vem sendo desenvolvido de acordo com a realidade local, de forma criativa, estimulando a autonomia, envolvendo todas as dimensões psicossociais a partir de princípios emancipadores comprometidos com o exercício da cidadania.

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é ver a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade (FREIRE, 1996, p.107).

A capoeira enquanto ferramenta de educação cria possibilidade de despertar diversos sentidos humanos, amplia a estimulação da visão, audição, do movimento e da comunicação. O ritmo da música oferece uma concentração que com o tempo ela passa a ser "natural intuitiva", a capoeira em si ensina utilizar uma atenção multifocal, percebendo a diversidade das coisas que estão ao seu redor, o (a) capoeirista desenvolve suas habilidades de forma lúdica e espontânea com base nos movimentos característicos dessa arte de luta que é dançada em forma de jogo.

Ao propormos a capoeira para nossa prática educativa, oferecemos uma educação diferenciada, que pode despertar a curiosidade e a criatividade, a ideia é seguir na construção de uma proposta estruturada em princípios educacionais progressistas, em que a inclusão de princípios humanos que privilegie a coletividade dentro da comunidade é o principal objetivo, privilegiando os valores da Ancestralidade e da

Oralidade, presente nos rituais⁵ das manifestações populares, com o cuidado e respeito com a natureza.

Buscamos construir uma educação de qualidade formando cidadãos autônomos capazes de transformar para melhor nossa realidade social e identidade cultural. Nos identificamos como classe trabalhadora do meio campestre da baixada maranhense, cujo respeito à cultura de nossos ancestrais é absolutamente fundamental no contexto educativo.

PEDAGOGIA DA CAPOEIRA E POSSIBILIDADE INTERDISCIPLINAR DO GIRO TERRITORIAL

A pedagogia da capoeira contribui nesse sentido, haja vista proporcionar a reflexão do eu e do outro em que o valor primordial e orientador de todo o processo é o respeito pela vida. Onde o respeito pelo outro será construído dentro e fora do espaço escolar, para uma melhor convivência dentro das famílias da comunidade. A capoeira pode abordar várias temáticas educacionais de forma interdisciplinar com temas sobre a natureza, sociedade, Arte, Geografia, Filosofia, Fisioterapia e demais áreas do conhecimento.

Por exemplo, no campo da pesquisa sobre natureza e sociedade a capoeira contribui na medida em que necessita estar envolvido com as preocupações sobre princípios de conservação e preservação da natureza, pois é da Natureza que são produzidos os instrumentos musicais como cabaças e madeira para o berimbau, além da fonte de alimentos saudáveis e água potável, valores fundamentais que devem ser repassados para as gerações presentes e futuras sobre o cuidado e o respeito que devemos ter com a mãe terra, a natureza é o nosso sagrado absoluto, onde está concentrado toda a nossa riqueza material e espiritual.

No campo da Arte podemos estudar a arte da corporeidade da capoeira, a arte de pintura em berimbaus etc; na geografia estudar a geopolítica da capoeira e seus processos de difusão pelo mundo; na educação podemos estudar novas tecnologias e inovação de ensino que o movimento corporal pode proporcionar a partir da capoeira

5 Aqui chamamos atenção para a importância em cada vez mais valorizar e vivenciar as manifestações culturais característica da nossa região, como o tambor de Crioula, Forró de caixa e Bumba meu Boi.

para a aprendizagem motora; na área do treinamento desportivo os benefícios para o condicionamento físico geral; na área da fisioterapia pode proporcionar tratamento terapêutico corporal, enfim uma grande possibilidade de trabalhos podem ser abordados a partir da capoeira.

Tivemos a oportunidade de melhor nos conhecer através do exercício de liberdade e autonomia corporal que a capoeira favorece, de aprender, a valorizar e entender que capoeira é cultura de descendência africana e que a relação com os outros gera o axé⁶ onde cria uma rede de cidadania e liberdade. A capoeira trabalha o eu com o outro, o gesto e os movimentos com prazer, em busca do exercício para a liberdade e autonomia do corpo de acordo com as necessidades e a realidade sócio-cultural dos envolvidos, considerando o compromisso com uma educação progressista.

A capoeira proporciona isso a partir dos movimentos espontâneos e lúdicos em um clima de descontração que possibilita as pessoas relaxarem e aliviarem seus pontos de tensão corporal, superando a timidez e vários outros preconceitos inerentes ao corpo, que dificulta, de certa forma, a expressão corporal em grupo.

Além disso, a abordagem utilizada permitiu conhecimento sobre aspectos históricos, culturais e sociais da capoeira, desde suas primeiras evidências históricas, passando pelo conhecimento de seu processo de opressão e resistência cultural e seu reconhecimento como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO desde 2014, com seus inúmeros benefícios e possibilidades de trabalho.

O presente artigo nos leva a refletir sobre uma educação escolar diferenciada para os estudantes oriundos de territórios quilombolas, na busca de construção de necessidades que serão cruciais para o estabelecimento de políticas de educação escolar quilombola de acordo com a realidade socioeconômica e cultural das comunidades. Refere-se sobre a inserção da capoeira Angola dentro do currículo escolar quilombola com um olhar significativo para construir um currículo que aproxima a escola da vida social dos estudantes para questionar de maneira crítica a sua realidade para poder

⁶ Nesse movimento, o Axé, ou Ngunzo é um dos elementos fundamentais: “Axé é força vital, sem a qual, segundo a cosmovisão nagô, os seres não poderiam ter existência nem transformação” (SODRÉ, 1988b, p.129, apud Machado e Araújo 2015).

intervir e transformar sua realidade sem perder o elo entre família, ancestralidade e natureza.

A educação escolar quilombola é desenvolvida e unidades educacionais inseridos em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados, os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que entram a educação básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural (BRASIL, 2012:1).

Trata-se de uma perspectiva que potencializa nossa realidade social e histórica pelas quais nos dão sentido ao mundo. Considerando as apresentações simbólicas e materiais do cotidiano das comunidades quilombolas, fornecendo a base para repensar ações de inclusão social, esse processo não significa assimilação, mas desconstrução do que foi constituído a partir da construção histórica negativa do processo colonizador europeu.

Por este motivo, reforça-se cada vez mais a necessidade de mais acesso e garantia de sua existência na escola, especialmente, em escolas oriundas de territórios quilombolas propiciando educação de qualidade, problematizando conteúdos de história e questões étnico-racial dos povos africanos no Brasil, que muitas vezes não é presente no ambiente escolar.

Desenvolvendo a capoeira em nosso contexto escolar podemos saltar das ideias e passar para uma prática concreta. Assim estamos vivenciando nossas origens afrodescendentes com um envolvimento, que poderá trazer inúmeros benefícios. Na capoeira o corpo por si só fala, canta, anima-se diante de tanto manejo e diálogo entre os corpos pela ritualidade que envolve uma roda de capoeira.

Faremos prevalecer quem somos. “somos negros de origem africana, afrodescendentes, somos povo de fé e resistência viva, Deus é o meu mestre e também meu orixá ao som do berimbau, trago a luta travada no peito e com um sorriso no rosto neutralizo o golpe traiçoeiro, já conheces meu gingado, sou negra não escrava”.

A capoeira no nosso processo de luta, nos ajuda a manter viva a nossa identidade, nossa cultura, nossa luta por reconhecimento de melhores condições de vida. É essa resistência nos mantém forte enquanto comunidade quilombola.

REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, M. R e VIEIRA, L.R. **Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira.** *Revista de Estudos Afro-Asiáticos*. Rio de Janeiro, n. 34, p.81-120, 1998.
- ARAÚJO, Rosângela Costa; Machado, Sara Abreu da Mata. **Capoeira Angola, corpo e ancestralidade: por uma educação libertadora.** Horizontes, v. 33, n. 2, p. 99-112, jul./dez. 2015.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Rio de Janeiro: DP&A, 1988.
- BRASIL **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei nº 9.394/96. Brasília/DF: MEC, 1996.
- BRASIL. **Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003.** Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, 10 dez. 2003. P. 1.
- FOCAULT, Michael. **De outros espaços, Heterotopias.** Dits et écrits, 1984 Des espaces autres (Conferência no Cercied'étdes architecturales, 14 de março, 1967 in Architecture, Mouvement, Continuité, nº 5, outubro, pp. 46-49, 1984.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Ed. Paz e Terra, 25ª edição, São Paulo, 1996.
- IPHAN. **Registro da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil.** Salvador: Processo nº 01450.002863/2006-80, Parecer nº 031/08, 2008.
- KEIM, Ernesto Jacob; Silva, Carlos José. **Capoeira e Educação Pós-Colonial: Ancestralidade, Cosmovisão e Pedagogia freiriana.** Jundiaí-SP, Paco Editorial, 2012.
- NETO, João da Mata Rosa Cesse. **A Arte-Luta da Capoeira Angola e práticas Libertárias.** Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, Rio de Janeiro, 2014.
- OLIVEIRA, Fernanda Moraes de. **Tendências Pedagógicas Progressistas Brasileiras: Concepções e Práticas.** Dissertação de Mestrado em Estudos Profissionais Especializados em educação: Especialização em Administração das Organizações Educativas, Politécnico do Porto, Porto, 2017.
- SOARES, C.E Líbano. **A Negregada Instituição: os capoeiras na Corte Imperial (1850-1890).** Rio de Janeiro: Access, 1999.

Dilma Regina Moraes Ferreira

Liderança quilombola do Movimento Quilombola do Maranhão (MOQUIBOM). E-mail: dilmaregina301@gmail.com

Elizabete Santos Lopes

Liderança quilombola do Movimento Quilombola do Maranhão (MOQUIBOM). E-mail: betinha.lisa@hotmail.com

Iranilde de Nazaré Santos

Liderança quilombola do Movimento Quilombola do Maranhão (MOQUIBOM). E-mail: nylde.nsc@outlook.com

Maria de Jesus Costa

Liderança quilombola do Movimento Quilombola do Maranhão (MOQUIBOM). E-mail: mariacosta93116@gmail.com

Mariza de Jesus Saraiva

Liderança quilombola do Movimento Quilombola do Maranhão (MOQUIBOM). E-mail: marizasaraiva143@gmail.com

Saulo Barros da Costa

Agente da Comissão Pastoral da Terra - Regional Maranhão; licenciado em geografia (UFPE); doutor em geografia (UFPE); professor do Colégio Universitário (COLUN) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: sauloungido@gmail.com / <https://orcid.org/0000-0002-8182-9501>

Rodrigo Ferreira Quintanilha

Professor de capoeira e professor de Educação Física do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Maranhão, Campus Pinheiro (IFMA-PHO). E-mail: rfquintanilha@ifma.edu.br / <https://orcid.org/0000-0001-7544-8027>

Artigo recebido em 16/06/2021 e aceito em 24/09/2021